

Archis sem urbis

FABIANO VIEIRA DIAS

Há alguns anos, o tema “cidade” voltou a ser o centro das discussões, não mais limitadas aos meios acadêmicos, mas também como parte das agendas políticas atuais. Com a aprovação do Estatuto da Cidade pelo Governo federal, espera-se que nossas cidades possam ser geridas e que cresçam de forma ordenada. Mas o Estatuto, bem como as demais legislações urbanísticas são instrumentos técnicos de ordenação espacial, direcionadas a oferecer as condições básicas de infra-estrutura urbana à população. Mas a construção do urbano não se faz só sobre normativas urbanísticas, existem outras dimensões do pensar urbano que escapam às leis.

Nessas outras dimensões, encontra-se a arquitetura como um componente primordial da “supra-estrutura” urbana, algo que está sobre a organização espacial das cidades e está relacionada diretamente com a construção de sua imagem, de sua paisagem urbana. Algo mais tátil e tangível à apropriação visual, mais próximo do cotidiano das pessoas.

Como elemento identificador das pessoas com sua cidade, a arquitetura vem perdendo, nos dias de hoje, sua relação de reciprocidade com o urbano. A arquitetura não é mais feita para a cidade e, sim, para o lote. Historicamente, é um processo recente de inversão urbana acirrado com a pressão da especulação sobre a cidade e a transformação da arquitetura num produto de simples valor venal.

Antes construída sobre desígnios históricos e culturais, as cidades atuais passam a ser um grande imóvel de alta

rentabilidade, onde economistas e marketeiros falam com mais propriedade sobre o urbano do que os arquitetos.

É estranho falarmos de arquitetura sem falar de urbano; é estranho falarmos de cidades como Ouro Preto, Amsterdã, Brasília, Nova York e tantas outras, sem falar de sua arquitetura. No tal mundo globalizado, corre-se às pressas em busca das identidades locais de cada cidade; identidades sítidas em pequenos bolsões preservados como parte do patrimônio histórico e cultural, mas cercados pela estandarização, pela paisagem inócua, pela falta de espaços públicos democráticos e pela falta de identidade das próprias pessoas com a cidade em que vivem.

É na dimensão da arquitetura que se evidencia uma das problemáticas da questão urbana atual. A falta de diálogo da arquitetura com a cidade transforma esta em um receptáculo de objetos personalistas, ora meramente burocráticos, ora espalhafatosos e ora padronizados globalmente. A cidade está se tornando um amontoado de lotes edifica-

dos, quando se esquecem dos espaços públicos, das áreas verdes, dos vazios urbanos, dos prédios com escala adequada e que não disputem um pedacinho do seu “sky line”... O que se necessita é voltar o olhar da arquitetura para a cidade, é voltar o olhar para baixo, para as ruas, as calçadas, para as pessoas que andam apressadas no ritmo da vida atual; é perceber isso como elemento fundamental do urbano, de um contexto a ser seguido e lembrado.

A cidade está se tornando um amontoado de lotes edificados

FABIANO VIEIRA DIAS é arquiteto-urbanista e conselheiro do Crea-ES